



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**MAYANDSON TOMAZ OLIVEIRA**

**UM ÍNDIO HOLANDÊS NO BRASIL: O CONTATO ENTRE NATIVOS E  
HOLANDESES**

**GUARABIRA - PB  
2016**

**MAYANDSON TOMAZ OLIVEIRA**

**UM ÍNDIO HOLANDÊS NO BRASIL: O CONTATO ENTRE NATIVOS E  
HOLANDESES**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de  
Licenciatura Plena em História da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de graduado em História.  
Área de concentração: Humanas

Orientador: Me. Joao Aurélio  
Travassos Pires Junior

**GUARABIRA - PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48i Oliveira, Mayandson Tomaz  
Um índio holandês no Brasil: [manuscrito] : contato entre  
nativos e holandeses. / Mayandson Tomaz Oliveira. - 2016.  
23 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em HISTÓRIA)  
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,  
2016.  
"Orientação: Prof. Ms. João Aurélio Travassos Pires Junior,  
Departamento de Historia".

1. Brasil colônia. 2. Índigenas. 3. Colonizadores. 4. Holanda.  
I. Título.

21. ed. CDD 981.00498


MAYANDSON TOMAZ OLIVEIRA


UM ÍNDIO HOLANDÊS NO BRASIL: O CONTATO ENTRE NATIVOS E  
HOLANDESES

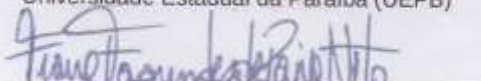
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de  
Licenciatura Plena em História da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de graduado em História.  
Área de concentração: Humanas

Aprovada em: 20/10/2016.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Ms. Joao Aurélio Travassos Pires Junior  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Ms. Naiara Farias Bandeira Alves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

GUARABIRA  
2016

Dedico a todos que já se foram, em especial meus avós Luiz Antonio de Arruda (Vovô Tontoin), Josefa Tomaz de Arruda (vovó Zefinha), Voiinha (Maria Pereira de Lima) a história é feita por todos e para todos, que cada um aproveite o seu lugar nela.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que estão listado abaixo com suas respectivas qualidades e contribuições, sinceramente espero não ter esquecido de nem um pois foram muito e são importantes, pois me fizeram ser melhor do que antes como aluno, futuro professor e como ser humano.

Obrigado a Deus Pai todo poderoso e criador nosso, aos santos que durante o curso recorri; São Bento, Santo expedito e Nossa senhora das Graças.

A minha família: Meus pais, Manoel, que sempre me ensinou que o trabalho afasta três grandes males do homem: o vício, o tédio e a necessidade, e Marinalva minha mãe, seus conselhos valem ouro em pó, aos meus avôs, Dona Maria e S.r. Tércio, meu sobrinho, Miguel, as minhas irmãs Manuelle e Mayra, a meu cunhado Cristiano. Aos meus amigos: Raffa, Dal, Kleber, Acsa, Sidney, Joni, Petruce, Mag, Jean, Tulio, Adrianna, Jeffeson , estiveram comigo antes e durante a graduação. Meus colegas de Trabalho que me estão comigo todos os dias combatendo a Dengue e diversas endemias na cidade de Solânea, em especial a Lucilene, Robison, Kelson, minha chefe Magnélia e ao meu coordenador de Endemias Sr.Toinho, aos meus companheiros de Jiu-Jitsu, em especial a Manoel Granjeiro que me convenceu a praticar a arte suave “oss”.

Também gostaria de agradecer a todos os meus colegas de classe: Julio,belly,Luis,Fabio que sempre estiveram ao meu lado para um bom debate histórico metodológico, sobre temas diversos, em especial: Diognnys e , amigo de sempre para um pastel no fim da aula e de muitos debates, conspiração, além de importantes decisões a frente do Centro Acadêmico de História.

Obrigado Aline, por me ajudar a fechar as contas do CA, e por a imensa ajuda na Semana de Historia.

Obrigado a Franciele Morgana, ou simples Fran( Ciele na infância) como você os rolês dão certo.

Obrigado aos companheiros que tive durante minha estada no NDH/CH em especial a Glaucy, cuja qual a aguentou o meu “machismo nosso de cada dia” ,e que se tornou uma das minhas melhores amigas para a vida toda e para depois da vida, e a Vivi, que me fez gosta de chimarrão, espero que nossa amizade perdure mesmo depois do interesse das pesquisas .

Aos meus amigos Jonas, Danilo, pela hospitalidade durante as estadas fora de Guarabira.

Obrigado também a Denílson, meu amigo adm, Liberal e de direita, um dia ainda chegaremos a um acordo obrigado por seus conselhos dicas.

Obrigado a Jesus Cristo, Shun Tzu, Nicolau Maquiavel, Karl Marxs, eles pensaram e fizeram diferente.

A minha melhor amiga Luane (Lua tanto da noite, como do dia) que esteve ao meu lado, ou online, em momentos certos e em certos momentos, que me fez gostar de escutar O Teatro Mágico não há palavras para agradecer tudo que você fez por mim, então se contente com um muito obrigado, e “só enquanto eu respirar vou me lembrar de você”.

A Paloma, que com o seu sorriso cativante, com paciência e bom humor me aturou até aqui, obrigado por perdoar minha falta de pontualidade. E que você nunca esqueça o povo de humanas é melhor.

A Renata (morena) minha primeira grande amiga que fiz no curso de História, muitos segredos trocados, obrigado por sua confiança. Gostaria também de agradecer a minha amiga fonoaudióloga e estudante de letras, Ana Maria por suas mensagens edificantes, as quais que ao longo de anos você tem me enviado, sabes como es importante para mim.

Aos motoristas das cidades circunvizinhas de Guarabira, e a todos aqueles que me forneceram carona para ir e voltar das aulas da UEPB, mesmo não sabendo seus nomes um grande obrigado.

Ao senhor Ginú obrigado pelos serviços prestados na biblioteca e boas conversas no NDH sobre geopolítica, tecnologia, modelos políticos e sobre a Rússia.

Ao professor Carlos Adriano, obrigado pelas extensões de temas edificantes sobre a nossa cultura, e como o história poder um canivete suíço, “gratize padrino”.

Ao Prof. Dr. Tiago Bernardon de Oliveira que me acolheu em seu projeto do Núcleo de Documentação Histórico do Centro de Humanidades (NDH/CH), a todos os professores que compõem o departamento de História do Campus-III da UEPB de Guarabira, bem como os funcionários da secretaria e da própria universidade e os seus vigilantes, e pessoal da Barriquinha de Seu Luiz e Rosa.

Ao professor Fabio Dantas, obrigado por sempre me incentivara pesquisa e produção e também um pedido de desculpas por não me aventurar mais na sua área que é geografia, irei concluir história e ficarei lhe devendo.

E um agradecimento especial a professora Doutora Marisa Tayra, que por motivo de força maior não está aqui para me orientar ou fazer parte desta banca, mas serei eternamente grato por suas aulas conselhos e conversas pois mesmo em momentos complicados me mostrou que sempre podemos seguir

em frente, e que mudanças são bem-vindas mesmos que não esperamos ou estejamos preparados para elas. E sobre como ver o mês de abril com outros olhos. (sinto sua falta)

“Quando o português chegou  
Debaixo duma bruta chuva  
Vestiu o índio  
Que pena!  
Fosse uma manhã de sol  
O índio tinha despido  
O português.”

Oswalde de Andrade



## UM ÍNDIO HOLANDÊS NO BRASIL: O CONTATO ENTRE NATIVOS E HOLANDESES

Mayandson Tomaz Oliveira<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo de conclusão de curso foi elaborado no intuito de analisar, a luz de uma historiografia mais recente sobre os povos indígenas o papel de destaque exercido por Antônio Paraupaba, nativo do período da conquista holandesa no Brasil, durante o período posterior a saída das tropas neerlandesas das Capitâneas do Norte. Tentaremos destacar os elementos de resistência e adaptação que foram utilizados por este para combater e se adequar à influência holandesa. E como a liderança indígena se utilizou do intercâmbio com o colonizador europeu como forma de resistência.

**Palavras-Chave:** Brasil Colônia. Indígenas. Colonizadores. Holanda.

### 1 INTRODUÇÃO

Na historiografia brasileira, o índio quase sempre ocupou um papel de coadjuvante, ou mesmo, nas poucas vezes em que foi mencionado, surgiu na escrita da história de forma turva ou mal explorada. Isso ocorre desde a chegada dos portugueses em território brasileiro, sendo negligenciado o seu devido valor como importantes personagens responsáveis pela transmissão de nossa herança cultural, como a incorporação de muitos costumes, de conhecimentos medicinais por meio da utilização de ervas nativas, dos seus conhecimentos de técnicas refinadas de cestaria e cerâmica, da diversidade de sua culinária e de diferentes palavras que foram incorporadas ao nosso

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.  
E-mail: mayandson@yahoo.com.br

vocabulário diário. Sobre o direcionamento do olhar que damos a História, já dizia Michel de Certeau que:

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na verdade ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. (CERTEAU, 2010, p. 81)

Dessa maneira, destaco que uma das primeiras referências aos nativos pode ser encontrada na famosa carta de Pero Vaz de Caminha, enviada a então Corte portuguesa, onde nela discorre sobre as belezas e riquezas achadas na nova terra que acabara de ser encontrada. O navegador os descreve de maneira subjetiva como indivíduos sem fé, sem lei e sem rei, e, encerrando sua carta, além de falar da abundância que aquelas novas terras ofereciam, solicita também a Vossa Majestade que intervenha levando até eles sua fé:

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

E que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria.

Quando mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa santa fé. (CAMINHA)

É importante, porém, destacar que esta é a visão de um colonizador que vem a um novo mundo para explorar tudo aquilo que pode ser usado para a obtenção de lucro para sanar o desejo do sistema capitalista mercantil que está em amplo desenvolvimento e expansão, partindo da Europa em direção aos quatro recantos do planeta.

Sendo a América um continente ainda bastante desconhecido, na concepção europeia, o nativo, que naquele momento fora denominado “índio”, nada mais seria do que uma ferramenta para a obtenção de lucro, sendo explorado como mão de obra para todos os serviços que se faziam necessários

para a instauração do sistema de base ou até mesmo servindo de mercadoria para ser vendido e exibido como sendo um prêmio de caça ou um artigo exótico vindo das terras d'além mar.

Ao contrário do que se pensa, o índio teve um grande papel dentro do Brasil e não se resumiu ao papel de escravo na extração do Pau-Brasil, ou como uma figura simplória que cedeu suas terras para o estrangeiro sem nem ao menos ter resistido, lutado ou procurado de alguma forma preservar sua cultura.

Os povos indígenas agiam com relativa autonomia e segundo seus próprios interesses, resistiam, criavam alianças e usavam de manobras políticas para tentar de alguma forma continuar se perpetuando dentro da nova realidade com a qual tiveram que lidar, mesmo contra a sua vontade.

Essa lógica de tirar a legitimidade das ações e decisões dos povos indígenas ocorre desde a conquista do *Novo Mundo* e se reflete no atual cenário político, no que se refere às políticas de preservação dos direitos dessa parcela da população brasileira.

Porém, há um período que deve ser mais bem analisado, levando em consideração as suas eventuais peculiaridades, período este em que o Brasil não estava sendo controlado pelos portugueses ou sob a tutela dos espanhóis, os quais controlavam Portugal desde a União Ibérica (1580-1640).

Não foram apenas os portugueses que se instalaram no Brasil durante o Período Colonial, embora não tenham ficado por muito tempo, holandeses e franceses também aportaram em terras tupiniquins. Para a pesquisa ressaltarei o chamado Período Holandês, que foi o momento em que a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais (WIC) decidiu que o Brasil seria sua nova conquista.

Levando em consideração as áreas economicamente mais desenvolvidas do território brasileiro, foi feita uma escolha de se conquistar regiões de maior importância econômica e de fluxo de mercadorias, que na época era representada pelas Capitânicas do Norte, com foco na capital, a cidade da Bahia de Todos os santos.

Na década de 1620, como panorama da conjuntura político-administrativa, Portugal estava sob o controle dos espanhóis, que proibiram a Holanda de comercializar açúcar com o Brasil. Sem alternativa, os holandeses

resolveram invadir a então colônia portuguesa, e, no ano de 1624, foi feita uma das primeiras tentativas de sua invasão. Naquele momento houve resistência capaz de repelir os inimigos neerlandeses, frustrando assim mais uma tentativa da WIC de se estabelecer em território brasileiro.

Em 1630, mudando o foco dos ataques, a Companhia investe contra a capitania de Pernambuco, onde dessa vez consegue sair vitoriosa nos conflitos e, como consequência, acaba se fixando na cidade, aonde assim vem a inaugurar o domínio holandês no nordeste do Brasil.

É nesse contexto histórico que está inserido o brasileiro, como era conhecido entre os portugueses. Ora tido como herói, ora como traidor, o índio Antônio Paraupaba, uma liderança atuante na aliança com os neerlandeses, que transita nesse momento histórico se fazendo presente sempre nos mais diversos lados, para que os mesmos possam ser respeitados e tenham seus direitos respeitados.

Em seu artigo intitulado "Índios do Brasil na Republica dos países baixos: as representações de Antônio Paraupaba para os estados gerais em 1654 e 1656", o autor Lodewijkq Hulsman traz à tona uma figura muito singular, trata-se do índio da nação tupi Antônio Paraupaba, personagem icônico do período de domínio holandês dentro da história brasileira. O indígena é apontado como um ser participante e ativo de vários acontecimentos e decisões importantes em seu tempo. Mas como o próprio autor coloca pouco se sabe da vida privada do líder indígena, sabe-se através de documentos da época que em determinado momento ele deixou o Brasil e rumou para os países baixos, onde lá solicitou pensão para a república holandesa a fim de provir seu sustento, mas o enfoque deste trabalho é analisar o papel de Antônio Paraupaba como um líder da resistência indígena que dialoga junto ao governo holandês viabilizando uma forte aliança entre os nativos e os holandeses.

Mas como essa figura se tornou tão importante para o seu contexto, e quais eram as suas ferramentas? Primeiro devemos lembrar que após a consolidação do domínio holandês na região nordeste, os flamengos começaram a implantar a sua política de colonização, tendo como primeiro passo identificar a população que estava vivendo no que então agora era conhecido como seu território, no meio desta população é possível identificar

algumas tribos indígenas, senhores de engenho, agricultores e portugueses que ainda estavam receosos de terem que servir a outro senhor que não a coroa portuguesa.

A frente dessa nova conjuntura colonial, encontramos a WIC, trazendo consigo uma política de grande investimento para a formação de alianças, além de sua influência e conhecimento tecnológico sobre o mercado do açúcar.

## **2. HOLANDESES NO BRASIL**

No ano de 1580 uma crise política, se alastrava pelo Império Português, sendo uma das maiores consequências dessa crise a unificação entre Portugal e Espanha. As duas nobres casas unem-se sob uma só coroa concretizando assim uma união dinástica governada pelo mesmo rei, isso ocorreu em virtude da morte de Dom Sebastião, já que o mesmo não possuía herdeiros diretos ao trono foi então colocado ao dispor de seu tio-avô, o Cardeal Dom Henrique, porém, o mesmo reinou apenas por dois anos deixando o trono em seu leito de morte ao rei da Espanha Felipe II. Com a União Ibérica e a política expansionista de Felipe II, Portugal se viu cercado de poderosas inimizadas, como as de Holanda, Inglaterra e França.

Com o avanço territorial conseguido pelos espanhóis, o império de Felipe possuía terras nos Países Baixos (Bélgica e Holanda) e regiões da atual Itália, a partir de 1580 todas as terras de domínio português se tornaram parte de seu império. Todavia, com vários conflitos de ordem econômica, em 1581, a Holanda proclamou sua independência, se libertando assim do domínio do Império de Felipe, em contra partida, de início, o imperador cortou todas as relações comerciais com os holandeses, inclusive tomando medidas restritivas as suas atividades comerciais, tais como a eliminação da presença de comerciantes holandeses e o encerramento de atividades portuárias, depois propôs uma trégua que perduraria por doze anos. Sobre isso, Denio Nogueira relata:

A rebelião Holandesa, que levou a bipartição dos Países Baixos entre Províncias Unidas do Norte (Holanda) e as do Sul (Bélgica) em 1579, e a união das coroas ibéricas em 1580 afetaram significativamente o

mercado internacional do açúcar. Os negócios, que se concentravam em Antuérpia, foram transferidos para Amsterdã, bem como grande parte das refinarias. Os preços do açúcar refinado em Londres refletem claramente esses acontecimentos. [...] Em 1609, Espanha e Holanda convencionam uma trégua de doze anos, durante a qual dez a quinze navios holandeses podiam carregar anualmente açúcar no Brasil. [...] terminada a trégua em 1621, a Companhia das Índias Ocidentais – fundada naquele mesmo ano – inicia ações militares contra a Bahia e Pernambuco onde acabou por instalar-se dez anos mais tarde. (NOGUEIRA, 1988, p. 84-85)

Essas medidas causaram sérios abalos para economia holandesa, que nessa época era totalmente baseada no comércio de produtos oriundos das colônias portuguesas. Evaldo Cabral de Mello em seu trabalho intitulado “Imagens do Brasil Holandês”, nos traz o panorama da invasão do Brasil pela Holanda:

A ocupação holandesa no Nordeste compreende dois episódios de duração desigual: a conquista de Salvador (1624-1625) e a invasão de Pernambuco (1630-1654). Recapitulemos os principais acontecimentos militares deste calendário extremamente rico. 1624: tomada de Salvador. 1625: reconquista de Salvador. 1630: conquista de Olinda e do Recife. 1631: a armada luso-espanhola de D. Antônio de Oquendo não logra restaurar Pernambuco. 1632: ataque holandês contra Igarapé. 1633: conquista da ilha de Itamaracá. 1634: tomada da cidade da Paraíba. 1635: queda do Arraial e do Cabo de Santo Agostinho, duas importantes posições luso-brasileiras. 1636: batalha de Mata Redonda (Alagoas), ganha pelos holandeses. 1637: chegada de João Maurício de Nassau-Siegen, governador do Brasil holandês. Conquista de Porto Calvo (Alagoas) e retirada definitiva das tropas luso-brasileiras para a Bahia. Conquista de São Jorge da Mina na costa da África. 1638: Nassau sitia a Bahia mas não consegue conquistá-la. 1639-1640: uma armada luso-espanhola sob o Conde da Torre fracassa na sua tentativa de recuperar Pernambuco. (MELLO, 2006, p.162)

Essa retrospectiva de datas nos mostra como foram os avanços dos flamengos em nosso território e, aponta como foram planejadas as entradas para tentativa por parte dos holandeses de colonizar o nordeste brasileiro. Como podemos perceber pelo descrito acima, após vários confrontos e embates eles finalmente conseguiram se estabelecer de fato, inaugurando o período do domínio holandês no Brasil, colocando-os dessa forma sobre o controle da produção, refinamento e beneficiamento da cana -de- açúcar, bem como de sua distribuição para a Europa.

Segundo Evaldo Cabral de Mello, após o domínio do território, o Governo Holandês no Brasil juntamente com a Companhia das Índias Ocidentais, adotou e aplicou uma política muito peculiar para poder controlar o território e tentar evitar as revoltas e conflitos internos:

Para encetar sua conquista do Brasil, a Companhia das Índias Ocidentais optou por uma estratégia que maximizava a vantagem comparativa desfrutada pelos Países Baixos em termos de poder militar na Europa seiscentista: o poder naval, comumente tido na conta de recurso definitivo, de *última rateio* bélica. Acreditava-se na Holanda que o Brasil seria facilmente ocupado mediante uma estratégia de bloqueio naval de suas praças-fortes, cuja rendição provocaria automaticamente o controle do interior do país e dos centros de produção açucareira, que eram os grandes alvos da empreitada neerlandesa. (MELLO, 2006, p.162)

Para a consolidação do domínio, os holandeses contaram com apoio de negros, mulatos e cristãos-novos, os quais foram atraídos pelas promessas de liberdade. A WIC nomeou o conde João Maurício de Nassau para administrar à colônia holandesa no Brasil. A chegada de Nassau em 1637 trouxe diversos benefícios para a população, como o empréstimo de dinheiro aos senhores de engenho para reconstrução dos engenhos, a redução de impostos, a implementação de novas técnicas no cultivo da lavoura canavieira, o que fez com que a produção da cana-de-açúcar aumentasse consideravelmente, a urbanização da cidade de Recife, dentre outros benefícios.

Nesse meio tempo, Portugal se libertou do domínio espanhol em 1640, no entanto, D. João IV assumiu um país falido. Sua preocupação agora era retomar o controle perdido sobre as terras dominadas pelos holandeses, e como não podia declarar abertamente guerra à Holanda – um país rico e com poderosa força naval – a solução foi assinar uma trégua entre os dois países, em 1641. A trégua consistia em que a permanência dos holandeses no Brasil - por um período de dez anos – estava condicionada a troca de apoio da Holanda a Portugal em caso deste entrar em guerra contra a Espanha.

Nesse mesmo período, Nassau entrou em conflito com seus superiores da WIC, os quais não andavam satisfeitos com os gastos que ele tinha com a colônia, exigindo seu retorno a Holanda. Sobre isso Denio Nogueira nos diz:

O retorno de Nassau à Holanda marca o reinício das pressões da Companhia das Índias Ocidentais sobre os produtores de açúcar.

Executam-se dívidas atrasadas, elevam-se as taxas de juro, exigem-se tributos mais pesados. Tudo para socorrer as combalidas finanças da empresa. Foi o que provocou o movimento para a libertação de Pernambuco e culminou com o fim do domínio holandês no Brasil, em 1654. (NOGUEIRA, 1988, p.85-86)

Como visto, esse sistema veio a ruir conforme se agravava a conjuntura financeira, e com a crise e os problemas externos que a Holanda começava a enfrentar, cada vez mais aumentavam os déficits financeiros, chegando ao ponto em que as ações da companhia começaram a refletir em seu povo:

Confrontado pelo pânico, o governo do Brasil holandês apelou para a fórmula, que acreditava salvadora, de encampar as dívidas dos senhores de engenho aos comerciantes livres, contra a hipoteca dos seus engenhos, escravarias e safras. Sem suspeitá-lo, a administração neerlandesa criara, desde 1638, com o confisco e revenda dos engenhos, as condições econômicas e sociais que tornarão mais fácil, à Coroa portuguesa e aos seus representantes na Bahia, a tarefa de fomentar uma rebelião de proprietários endividados contra o Brasil holandês. (MELLO, 2006, p.168)

Sem a política conciliatória de Nassau, a relação entre os holandeses e colonos mudou, e os senhores de engenho, respaldados até então por Nassau, se viram obrigados a pagar as dívidas e empréstimos. Isso alimentou a revolta de algumas camadas da sociedade, causando um efeito revés, uma vez que fomentou um levante da população, apoiada indiretamente pela coroa portuguesa e por interesses econômicos. Pequenos levantes foram surgindo com o intuito de tentar expulsar os holandeses, e esses por sua vez se aliaram aos indígenas para tentar resistir à expulsão da colônia, surgira então a Insurreição Pernambucana (1645-1654), que teve como líderes dois latifundiários, Fernandes Vieira e Vidal de Negreiros, e o índio potiguara Felipe Camarão. Após diversas batalhas, em 1654, os holandeses se renderam e foram expulsos do Brasil.

### **3. ANTÔNIO PARAUPABA: UM ÍNDIO HOLANDÊS NO BRASIL**

Pouco se sabe sobre a vida pregressa ao contato com os holandeses acerca de Antônio Paraupaba. As informações existentes relatam que ele teria nascido no início do século XVII, entre onde, hoje, se encontram os territórios dos estados do Ceará e Rio Grande do Norte. Seu pai chamava-se Gaspar



Paraupaba, e eles teriam embarcado em 1625, na esquadra de B. Hendrikson, juntamente com outros índios para a Holanda, os brasileiros, como eles eram chamados pelos holandeses. Acerca da visão que os batavos tinham dos nativos Lodewijk Hulsman diz:

Em seus textos, os holandeses adotaram a divisão entre os povos de língua Tupi ao longo da costa e os Tapuias, os “não-Tupis” do interior. Os Tupis foram nomeados Brazilianen (Brasileiros ou Brazilianos) e esses eram vistos como civilizados ao contrário dos “bárbaros” Tapuias. Assim, por exemplo, a aliança dos holandeses com os Tarairiu de Janduí foi marcada pela representação do caráter exótico destes Tapuias. (HULSMAN, 2005, p.41)

Em terras flamengas, esses nativos aprenderam o idioma local, e foram preparados para servi-los, nos aspectos militar, político e religioso. Apoiaram Holanda contra Portugal e se converteram a religião protestante. Toda essa ajuda fez parte da estratégia utilizada pelos holandeses na conquista do território. A estratégia é algo planejado estrategicamente por alguém que detém o poder, nesse caso, os holandeses. Enquanto que as táticas são as práticas dos sujeitos ordinários, como os indígenas. Acerca disso Michel de Certeau nos diz que:

A tática é uma ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. (CERTEAU, 1994, p. 99)

E dessa forma, os índios holandeses foram sendo “reeducados” nas leis, nos costumes e na fé dos holandeses. Seis anos mais tarde, Antônio Paraupaba retornou ao Brasil para servir como intérprete entre os holandeses e os indígenas, em terras brasileiras, lá pelos seguidos anos de 1639, chegou a assumir o posto de capitão da aldeia de Aabaú, sobre o retorno de Paraupaba, Lodewijk Hulsman relata:

Paraupaba e Poti voltaram para o Brasil em 1631, onde atuaram principalmente como intérpretes no intuito de recrutar aliados índios para os Holandeses. Nos relatos, Paraupaba aparece como um dos brasileiros educados nos Países Baixos. De Laet, por exemplo, o menciona como intérprete para Arciezewski e Stacchouwer nas negociações com os Tapuias de Janduí no Rio Grande, em outubro de 1634. Já o relatório de Adriaen Van der Dussen cita Paraupaba como capitão da aldeia de Aabaú em Goiana em 1639. (HULSMAN, 2005, p.43)

Nesse primeiro momento, a ajuda de Paraupaba foi essencial para as seguintes conquistas dos neerlandeses, servindo de intermediário entre os brasileiros e os conquistadores, com o apoio dos indígenas deu prosseguimento a uma sequência de conquistas territoriais como, a conquista das capitanias de Paraíba, Pernambuco, Itamaracá e Rio Grande. Após essas conquistas, a WIC determinou que oficiais neerlandeses juntamente com capitães indígenas estabelecessem governos nas aldeias. Anos mais tarde, essa relação amistosa entre nativos e holandeses se tornou conflituosa:

Os primeiros resultados da missão nas aldeias mostraram-se animadores, todo o *Classis* Reformado começando em 1640 com a nomeação de brasileiros como professores. Entretanto, o seu desenvolvimento posterior foi decepcionante. Os holandeses chegaram ao ponto de seriamente contemplar a possibilidade de separar as crianças dos brasileiros para educá-los em uma escola especial. O Alto Conselho repreendeu várias vezes Poti e Paraupaba. Em 1644, por exemplo, ao se referir a Paraupaba, escreveu: “na verdade, acreditamos que Pieter Poti e Antônio Paraupaba, cuja educação na Holanda custou tanto dinheiro à Companhia, são mais perversos e mais selvagens na maneira de viver do que os outros brasileiros”. Parece que os brasileiros tinham seus próprios planos. (HULSMAN, 2005, p.43)

No entanto, com o retorno de Maurício de Nassau a Holanda, em 1644, Paraupaba regressou acompanhando sua comitiva, porém no mesmo ano retornou ao Brasil, onde assumiu o cargo de Capitão e Regedor do Rio Grande. Sua nomeação ocorreu no mês de junho de 1645, dias depois, no dia três de julho daquele ano, Paraupaba redigiu um documento onde exigia que todos os escravos brasileiros fossem libertos.

Sua atitude evidencia que ele demonstrava está preocupado com a situação, sendo atuante na política, e que a escravidão indígena era um tema bastante presente, ainda que talvez tenha sido subestimado pela historiografia tradicional, quiçá por ter ocorrido de forma diferente da escravidão africana, uma vez que os indígenas recebiam uma remuneração *in natura*, e essa condição de escravizados se dava de modo clandestino.

A partir de 1645, o panorama de hostilidades entre índios, portugueses e holandeses chegou ao seu ápice com o fato que ficou conhecido na história

como o massacre de Cunhaú. Considerado como um dos episódios mais violentos da história do Brasil, este massacre ocorreu no engenho Cunhaú, onde atualmente se situa o município de Canguaretama (RN).

Um grupo de soldados holandeses juntamente com índios Tapuias, a mando de Jacob Rabbi, um alemão a serviço do governo holandês, armaram uma emboscada para os fiéis que assistiam a missa na Igreja de Nossa Senhora das Candeias, e no momento em que o padre André Soveral promove a elevação do Corpo e Sangue de Cristo, Jacob determina que as portas da capela sejam fechadas e dá início a chacina dos fiéis. Alguns historiadores aferem que na ocasião 69 fiéis se encontravam presentes no local.

Os episódios de violência continuaram e no mês seguinte os moradores se vingaram dos índios aliados aos holandeses, matando os que se renderam em Serinhaem e Casa Forte. Como revanche mais um massacre foi planejado, e, os holandeses levaram a cabo outra matança contra portugueses, no qual Antônio Paraupaba teve um papel de destaque. Trata-se do massacre de Uruaçu, o qual ocorreu no dia três de outubro de 1645, mais uma vez sob o comando de Jacob Rabbi, desta vez ainda com mais crueldade do que o primeiro:

Paraupaba teve um papel importante no massacre de portugueses no Rio Grande a 3 de outubro de 1645, perto de Uruauassu: “na qual acharam passante de duzentos Brasileiros bem armados com Antônio Paraupaba escaramuçando em um cavalo [...] os flamengos despiram nus aos ditos moradores, e os mandaram pôr de joelhos [...] e logo chamaram aos Brasileiros para os matar.” Este relato por Lopo Curado, citado por Calado no seu *Valeroso Lucideno*, teve um papel importante na beatificação, pelo Papa João Paulo II, de algumas das vítimas deste massacre, no dia 5 de março de 2000. (HULSMAN, 2005, p.46)

Após os massacres, Antônio Paraupaba continuou suas atividades no Rio Grande e Ceará. Juntamente com Pedro Poti viviam pressionando o Alto Conselho para que lhes fornecessem armas e dinheiro, no entanto, não conseguiram. O controle e a força neerlandesa na Colônia chegariam ao fim após os enfrentamentos decisivos entre portugueses e holandeses na Batalha dos Guararapes, que ocorreu entre abril de 1648 e fevereiro de 1649, pondo fim ao controle que os batavos conseguiram no nordeste brasileiro:

A derrota na segunda batalha de Guararapes a 2 de fevereiro de 1649 esmagou todas as esperanças dos brasileiros aliados com os Holandeses. Poti foi capturado e, embora o Alto Conselho tenha feito esforços para ajudá-lo, graças à pressão dos brasileiros, eles não conseguiram libertá-lo. (HULSMAN, 2005, p.46)

Dessa maneira, Pedro Poty feito prisioneiro na segunda batalha dos Guararapes passou por castigos e foi mantido em cativeiro, e quando levado para Portugal a bordo de um navio, não resistiu, vindo a falecer no trajeto no ano de 1652. Menos cruel, o destino de Paraupaba foi um pouco diferente:

Como único remanescente dos três regedores originais, Paraupaba assumiu a liderança principal dos “Brasileiros Holandeses” e conduziu as tristes sobras de sua nação ao exílio na Serra de Ibiapaba, na fronteira entre Maranhão e Ceará, durante os últimos dias do Brasil Holandês. De lá, ele embarcou para os Países Baixos. A partida de Paraupaba foi registrada no diário de um funcionário da WIC. Paraupaba subiu a bordo de um navio da WIC com sua esposa e três crianças no começo de fevereiro de 1654. O mesmo relato registra que o pai dele, Gaspar Paraupaba, que também tinha visitado a República holandesa em 1625 e que tinha servido como um intérprete para a WIC no Ceará de 1649 a 1654, dramaticamente rejeitou uma oferta para acompanhar seu filho à Europa porque “ele quis terminar a vida dele na selva entre a Nação dele, em lugar de velejar pela Holanda”. Paraupaba chegou nos Países Baixos para apresentar seu primeiro requerimento em agosto de 1654 na cidade de Haia. (HULSMAN, 2005, p.47)

Antônio Paraupaba foi uma figura inusitada e provocou sentimentos dúbios entre algumas pessoas. Possuía diversas habilidades como manejar a espada e cavalgar, também sabia ler e escrever e foi doutrinado na fé protestante. Era engajado politicamente e manteve contato com diversos líderes da tribo Potiguara como Pedro Poti, Felipe camarão e Carapeba. Lutou pela abolição da escravidão indígena, mas também foi um dos articuladores do massacre de Uruaçu, onde morreram muitos inocentes. Em sua trajetória militar participou nas Batalhas dos Guararapes.

Se sobre sua vida política temos bastantes informações, uma vez que se encontram devidamente registradas nos arquivos, o mesmo não podemos dizer sobre sua vida pessoal, da qual pouco se sabe, no entanto, há alguns relatos sobre o fim de seus dias. Após retornar a Holanda com sua esposa e filhos,

sabe-se que Paraupaba e sua família passavam por algumas dificuldades financeiras. Um pedido de ajuda de subsídios de alimentos aos diretores da Companhia das Índias Ocidentais da Câmara de Amsterdã foi apresentado em 1656, pela sua esposa Paulina, dessa informação se deduz que ele tenha falecido entre abril e julho daquele ano.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa ora desenvolvida buscou contribuir com a historiografia acerca das invasões holandesas no período do Brasil Colônia, destacando a participação indígena neste processo, sobretudo a participação singular do índio Antônio Paraupaba.

Antes do contato com os colonizadores portugueses, os agrupamentos indígenas tinham sua cultura e costumes pouco atingidos pela miscigenação com outras tribos. Viviam em grupo, e obtinham sua sobrevivência a partir da coleta, da pesca, da caça e, ocasionalmente, da prática de trocas entre algumas tribos.

A partir do contato com os povos vindos da Europa muita coisa foi modificada em seu modo de vida, a religião cristã foi sendo inserida, seja ela colocada de forma voluntária, ou em alguns casos, seja ela imposta pelo colonizador no intuito de se obter mão de obra abundante, barata e “pacífica”.

O final de um trabalho poderia ser o momento de encerramento de uma pesquisa ou de avaliação do conhecimento adquirido acerca da temática trabalhada, no entanto, ele nada mais é do que contestação dos resultados, pois diante dos questionamentos, uns serão respondidos, outros contrapostos e novas questões podem surgir. A esse respeito Antoine Prost afirma que:

As questões encadeiam-se umas nas outras, geram-se mutuamente. Por um lado, as curiosidades deslocam-se; por outro, a verificação/refutação das hipóteses dá origem a novas hipóteses, no âmago de teorias que evoluem. A pesquisa “é, portanto, indefinidamente relançada”. (PROST, 2012, p. 79)

É nesse contexto que chego às considerações finais da minha pesquisa. O propósito deste trabalho não foi simplesmente analisar a participação indígena durante o domínio holandês no Brasil, mas perceber que para além da historiografia tradicional dos indígenas, na História Colonial do Brasil, eles também podem ser observados para além da imagem de indivíduos isolados política e culturalmente, e que nos processos de transformações étnicas podemos encontrar casos de aculturação, mas também de resistência.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de Pero Vaz de Caminha**. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf). Acesso em: 01 mai 2016.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica de Arno Vogel. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

HULSMAN, Lodewijk. **Índios do Brasil na República dos Países Baixos: as representações de Antônio Paraupaba para os Estados gerais em 1654 e 1656**. (2006) Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19022>. Acesso em 30 de jan. 2016.

MELLO, Evaldo Cabral de. **Imagens do Brasil holandês 1630-1654**. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-53202009000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202009000100011)

NOGUEIRA, Denio. **Raízes de uma Nação – um ensaio de história sócio-econômica comparada**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

PROST, Antoine. **Doze Lições sobre História**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.